



III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

COMUNICAÇÃO ORAL

## **NOTAS SOBRE O LINHO E SEUS USOS NOS ESTUDOS BOTÂNICOS DE MANUEL ARRUDA DA CÂMARA: DISSERTAÇÃO SOBRE AS PLANTAS DO BRASIL (1810)**

Márcia Maria Costa Gomes<sup>248</sup>

Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG/UFPB)

mmarciagomes@gmail.com

Bartolomeu Israel de Souza<sup>249</sup>

Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG/UFPB)

bartolomeuisrael@gmail.com

José Otávio Aguiar<sup>250</sup>

Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFCG)

j.otavio.a@hotmail.com

### **Apresentação**

Este artigo versa sobre a temática ambiental cuja relação sociedade e espaço sintetiza um dos nexos estruturantes da geografia. É no legado do naturalista Manuel Arruda da Câmara que centraremos nossa discussão. Dentre os documentos escritos por ele, elegemos para análise a “Dissertação sobre as plantas do Brasil” escrito em 1810. O nosso ponto de partida para a análise da referida fonte documental, baseia-se no seguinte questionamento: Que interesses levaram o naturalista, Arruda da Câmara a elaborar uma dissertação sobre as plantas no Brasil?

Esta discussão faz parte de reflexões da tese de doutorado em curso, que está diretamente relacionada com a temática e com o naturalista, em apreço. Na busca de responder o questionamento, necessitamos não apenas debruçar no uso da fonte

---

<sup>248</sup> Doutoranda.

<sup>249</sup> Orientador.

<sup>250</sup> Co-orientador.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

documental *per si*, mas, analisá-lo dentro do contexto histórico e do espaço vivido pelo naturalista.

Portanto, adotamos como procedimento metodológico a análise de uma das fontes documentais<sup>251</sup> existentes do naturalista viajante aludido, da qual selecionamos a “Dissertação sobre as plantas do Brasil” de 1810. Entendemos que é o presente que ilumina o passado. Sendo assim, analisaremos a fonte documental à luz da geografia histórica e de um arcabouço teórico referendado por estudiosos que debruçaram, não somente sobre a temática ambiental, mas dos naturalistas viajantes e de todo o contexto histórico colonial da América Portuguesa.

Portanto, contextualizaremos brevemente a Europa e a colônia da América portuguesa setecentista como elementos essenciais para compreendermos o espaço e tempo vivido do naturalista Arruda da Câmara. Depois, esboçaremos o trabalho de campo que envolve a botânica de Arruda da Câmara. E por fim, dedicaremos detidamente à análise documental a partir da elaboração de um quadro didático em que descreveremos respectivamente a classificação das plantas, usos e finalidades, bem como, compreender os interesses que levaram o naturalista, Arruda da Câmara a elaborar uma dissertação sobre as plantas no Brasil.

#### **1. O Legado de domínio e poder da família patriarcal: Espaço e tempo do naturalista Manuel Arruda da Câmara**

A Europa do século XVIII, designada como o “Século das Luzes” foi tecida pelas entranhas do processo histórico, revestida por uma atmosfera filosófica contestatória do saber e do conhecimento, que substanciaram eventos revolucionários<sup>252</sup>, cujo palco territorial se desenvolveu nos domínios franceses e ingleses. Em Portugal, um evento de

<sup>251</sup> Coligida no estudo biográfico, organizado em forma de livro “Manuel Arruda da Câmara: Obras reunidas (1752-1811)” pelo pesquisador José A. Gonsalves de Mello, publicada em 1982.

<sup>252</sup> Ler: Eric HOBSEBAWM “A era das Revoluções (1789-1848)” (1977).





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

magnitude distinta, abalou e destruiu boa parte do seu território, como a catástrofe natural do terremoto<sup>253</sup>, que de alguma maneira contribuiu para a ascensão da política pombalina.

No contexto acima destacado, como parte desse esforço de “reconstrução” do país, as ideias iluministas e renovação do conhecimento circundaram as instituições estatais, que proporcionaram o agenciamento e subsídio cooperativo, a exemplo da Universidade de Coimbra que envolveu um conjunto diverso de profissionais que se espalhavam no ambiente acadêmico, eram técnico-administradores, bem como, estudiosos como astrônomos, engenheiros-cartógrafos, médicos, cirurgiões e naturalistas. Contratavam-se profissionais técnicos e “homens de ciência”, tanto estrangeiros quanto os da própria instituição. Nesta direção, informa M<sup>a</sup> Elice Brzezinski Prestes:

Foi apenas a partir da década dos anos setenta do século XVIII que, sob a égide do pensamento ilustrado de Sebastião José de Carvalho e Mello (1699-1782), o futuro marquês de Pombal, mentor das reformas promovidas no Reino português, Coimbra tonou-se o centro intelectual luso, passando a formar homens dotados dos novos conhecimentos das ciências naturais em que se dava o relevo à História Natural (PRESTES, 2000, p. 70).

Dentre as ações que demarcaram as reformas pombalinas referem-se ao ensino das chamadas escolas menores, a Estatutária da Universidade de Coimbra e a expulsão dos jesuítas. Após o terremoto que arrasou Portugal, o Marquês de Pombal (1759 a 1779) convida Domingos Vandelli, filósofo italiano para implantar as reformas, da qual se torna responsável pela implantação do Jardim Botânico, do Laboratório Químico e do Museu de História Natural desta universidade supramencionada.

Em se tratando da formação social colonial da América portuguesa, estruturada entre os grandes proprietários rurais e os escravos (índios e negros), não havia lugar para trocas intelectuais. Os únicos que eram dotados de dimensão intelectual nesta sociedade rigidamente escravista eram os religiosos e, particularmente os membros da Companhia de Jesus. Somente o ingresso no ensino religioso poderia explicar ou justificar os estudos, que foi o caso de Manuel Arruda da Câmara.

O TERRAMOTO DE 1755, A TORRE DO TOMBO E MANUEL DA MAIA”. FONTE: ARQUIVO NACIONAL – TORRE DO TOMBO. [HTTP://ANTT.DGLAB.GOV.PT/EXPOSICOES-VIRTUAIS-2/O-TERRAMOTO-DE-1755-A-TORRE-DO-TOMBO-E-MANUEL-DA-MAIA/](http://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/o-terramoto-de-1755-a-torre-do-tombo-e-manuel-da-maia/)





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Não se sabe ao certo a sua data nascimento, haja vista a polêmica que alguns apontam ora, nascido em Pernambuco, ora na Paraíba<sup>254</sup>. O ponto consensual desta discussão consiste nos registros documentais que identificaram o seu pai como Capitão-Mor, Francisco de Arruda Câmara e que residiu no sertão de Piancó<sup>255</sup> (Jurisdição de Pombal) na Paraíba do Norte, beneficiário de sesmarias, que objetivava a produção agrícola e o povoamento do sertão da Capitania da Paraíba.

Os dois quadros abaixo demonstram algumas das propriedades e terras adquiridas<sup>256</sup> pelo pai de Manuel Arruda da Câmara, pela via de concessão das Sesmarias, o que nos dá uma dimensão espacial relacionada à conquista territorial, muito embora nestas cartas de concessão não tenha a definição, direção e nem referência geográfica precisa.

**Quadro 1- Terras Sesmarias**

Sesmaria de nº	Data da Concessão	Localidade/Limites
242, 243* e 246*	10/03/1735	Sertão dos Cariris: Onde se encontra o riacho da Caraibeira, que parte da Serra da Borborema e atravessa a Serra Timbaúba fazendo ao atravessar esta serra "uma grande cachoeira". Tais terras "fazem pião" na dita cachoeira; uma légua e meia pelo riacho da Caraibeira abaixo, e outra légua e meia de tal cachoeira para cima, pelo riacho Gado Bravo, por serem sobras de terras.
245 e 286*	22/07/1741	Rio Salgado: buscando o noroeste ate uma légua de largura, meia para sudoeste e meia para o nordeste, e pelo mesmo riacho acima ate completar as três léguas e meia de largura para cada banda do riacho.
287*	23/07/1741	Mesma localidade da Sesmaria 286
295*	08/04/1742	No sertão do Cariri, entre seus providos, a saber: Algodão, Santa Rosa, Antas, Uria, Curimatau e

<sup>254</sup> Artigos de Octacilio N. de QUEIROZ "Da Paraíba o Naturalista Arruda Câmara" e de M. Tavares CAVALCANTI "Uma dúvida biográfica: O célebre Naturalista Arruda Câmara era Paraibano". In: Revista/IHGP, v. 13º, 1958, p. 39-52. Essa discussão encontra-se no livro de José A. Gonsalves de MELLO In: Manuel Arruda da Câmara - obras reunidas, 1982.

<sup>255</sup> (Voc. Ind., contraç. De pi-ang-ecó: que produz tristeza, desolação. É tradicional que "Piancó" foi o nome de um valente chefe corema). Atual Município central do alto sertão paraibano. [...] os primitivos habitantes de Piancó foram os cariris, subdivididos em várias tribos, ente estas a dos Coremas [...] e panatis. João R. Coriolano de MEDEIROS. Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba. (2016 p. 192-193).

<sup>256</sup> As alegações e justificativas do suplicante em adquirir as sesmarias são diversas como "[...] possuir gado vacum e vacular, que as terras poderiam servir de logradouro para o "o tempo do verde", que era descobridor de terras com risco de vida, pretensão de plantar, terras devolutas e para recreação do gado, não compreender viveiros ou minas. Fonte: Plataforma S.I.L.B: Sesmarias do Império Luso-Brasileiro. <http://www.silb.cchla.ufrn.br/busca>. Acesso em 21 de outubro de 2019.





ISSN 21764514

### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

		"Curnichava".
s/n	09/07/1777	Sem dados
728*	09/06/1777	Serra da Borborema: Ribeira do Piancó; riacho Cravata, onde desaguava no riacho dos Macacos. Ao Sul, a sesmaria confrontava com o riacho Cravata, sendo acima do riacho com Lourenço de Brito Correa (PB).
809*	08/08/1781	Vila do Pombal: Confrontante Norte, Riacho do Cipo; confrontante Sul, sítio Porocon.
816*	28/04/1783	Riacho dos Porcos: Ribeira do Patu.
914*	21/05/1788	Sertão dos Piranhas: Ribeira das Piranhas.

Fonte: Revista/IHGP, v. 13º, 1958 e \*Plataforma de Sesmaria/UFRN. Organização da autora.

#### Quadro 2- Propriedades

Quantidade de propriedades	Localização/Atual
01	Cidade da Paraíba/João Pessoa
02	Ceará Grande/Antiga Capitania Siará Grande
03	Vila Santo Antônio do Recife/Recife-PE
04	Icó/Icó-CE
05	Crato/Crato-CE

Fonte: Revista/IHGP, v. 13º, 1958. Organização da autora.

Neste sentido, sinalizamos dois aspectos relevantes para compreender a vida do naturalista Manuel Arruda da Câmara. O primeiro, demonstrado pelos bens que integra a dimensão patrimonial de domínio e poder da família patriarcal<sup>257</sup>. O segundo aspecto, relaciona com o primeiro, em que o *status* senhorial de poder evidencia o lugar que o filho do Capitão-mor Francisco Arruda Câmara ocupou numa sociedade escravocrata, permitindo o seu ingresso no Convento e colégio religioso para desfrutar do trabalho intelectual e filosófico na Ordem Carmelita do Convento Religioso Calçado de Pernambuco.

<sup>257</sup> O livro de Ângelo Emílio PESSOA, "As ruínas da Tradição: A Casa da Torre de Garcia d'Ávila" (2017) traz uma contribuição esmiuçada sobre o papel da Casa da Torre, da estrutura familiar patriarcal no processo de domínio territorial no sertão colonial.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Assim sendo, podemos inferir que o então, Frei Manuel Coração de Jesus - nome de Manuel Arruda da Câmara adotado pela ordem religiosa acima mencionada – pôde alçar voos para além dos domínios da Capitania da Paraíba e de Pernambuco, matriculando-se na Universidade de Coimbra para cursar filosofia e matemática e, no ano da Revolução Francesa, matricular-se na Universidade de Montpellier, concluindo a tese de doutorado em 1791.

À este tempo “iluminado” da ciência no império português, a colônia de exploração da América portuguesa vivia um período de guerras e resistências e, no final do setecentismo, testemunhava um avanço da expansão povoadora e da conquista do sertão, associado a expansão pastoril, bem como a um processo de urbanização acentuada e, de um surto crescente de vilas e povoações<sup>258</sup>.

Arruda da Câmara viveu dentro desse contexto histórico europeu e ao retornar dos estudos, em 1793 encontra um quadro político-econômico colonial acima mencionado. Para além politicamente está em consonância com ideias revolucionárias republicanas, ao retornar dos seus estudos, tem objetivos claros, afirma Mello (1982, p. 25) “[...] por os conhecimentos que adquirira a serviço de sua terra e do bem comum”. A sua peculiaridade frente aos naturalistas de sua época está, sobretudo nos territórios ambientais, por ele elegido: A caatinga.

Percorreu a caatinga, entre 1794-1795 da Capitania de Pernambuco e Piauí; em 1797 andou pela Capitania da Paraíba, margeando o sertão do Rio Paraíba; ainda neste mesmo ano, seguiu em direção ao Sertão da Capitania do Ceará até 1799 e, ao que parece, partiu do Ceará para o sertão do Maranhão até o vale do São Francisco.

Delimitado espacialmente os territórios ambientais, Arruda da Câmara na busca de conhecer o território ambiental ainda pouco ou não explorado cientificamente; elege três campos de investigações distintos, os da área mineral, da botânica e da agronomia.

---

<sup>258</sup> Aroldo de AZEVEDO em “Vilas e cidades do Brasil Colonial” (1992, p. 41) traz um quadro espacial e histórico do aumento de povoações, vilas e cidades no setecentismo, que demonstra o elevado número de 118 vilas que foram criadas e, de 57 povoações viram-se elevadas à categoria de vilas.







### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Daí em diante, o naturalista organiza um roteiro de viagens<sup>259</sup> pelos sertões do Norte do Brasil. De modo geral, estas viagens científicas do período que Arruda atua como naturalista, está sob a orientação e lógica do Estado português. Neste sentido, Ângela Domingues assinala:

Cientistas e funcionários criaram e sustentaram uma rede de informação que permitiu ao Estado português setecentista conhecer de forma mais aprofundada e precisa os seus domínios na Europa, Ásia, África e, sobretudo, na América, ou seja, reconhecer os limites físicos dessa soberania, bem como as potencialidades econômicas do território administrado (DOMINGUES, 2001, p. 824).

Nesta assertiva, o poder e domínio territorial das colônias da América portuguesa estariam também atrelados ao saber técnico-científico, que serviria à consolidação do projeto hegemônico da empresa colonial. Subjacente ao conhecimento científico as “potencialidades econômicas” dos recursos naturais estariam a benefício de acumulação de riqueza na metrópole. Assim, com a relevância na formação de naturalista implantado pela Universidade de Coimbra, o número de expedições científicas aumentou consideravelmente no início do século XX e, sobretudo, cumpriu papel relevante da ciência que colaborou com o Estado português em função de se apropriar do conhecimento para explorar os domínios territoriais ambientais.

## 2. O Trabalho de campo na botânica de Arruda da Câmara

Embora Arruda da Câmara tenha sido da geração *ilustrada* vandelliano, o trabalho de campo do naturalista vem se confrontar com os naturalistas de gabinete. Assegura o historiador, José Otávio Aguiar:

Procurando suplantar as teorias de gabinete, elaboradas por homens como Buffon e o Abade Raynal, que nunca haviam visitado as Américas, ele acreditava que não bastava ler sobre ou consultar os compêndios: era preciso sentir, fisicamente inclusive, as dificuldades que “se lhe apresentassem

<sup>259</sup> Dos registros que se tem Essa rota n foi Em 20/09/1795 o naturalista responde à Carta enviada em fevereiro de 1794 por Frei Veloso, estudioso de ciências naturais os enviou oferecendo documentos, uma espécie de “guia de naturalistas viajantes”.





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

previamente”. Era preciso por em tensão as próprias representações, as memórias, as experiências de outrem que lhe eram relatadas (AGUIAR, 2011, p. 188).

Neste sentido, a botânica desenvolvida por Manuel Arruda da Câmara teria uma particularidade nas anotações sobre as espécies brasileiras, devido à prática do trabalho de campo. No trabalho biográfico sobre o naturalista em questão, o historiador, José A. Gonsalves de Melo (1981, p. 11) menciona outra peculiaridade em que afirma que Arruda “[...] não se desnacionalizou com a vida fora do Brasil. Pelo contrário, viveu fora, porém voltado para o seu país, e regressou a ele para pôr os conhecimentos adquiridos a serviço da realidade e do desenvolvimento do Brasil”.

Para além desses dois traços que demarcam o trabalho diferenciado do naturalista viajante em apreço, antecipamos em afirmar que o percurso geográfico por ele escolhido, singulariza seus trabalhos botânicos a de outros naturalistas de sua época, tendo optado pelo reino da flora<sup>260</sup> da caatinga.

No entanto, em todas as expedições científicas realizadas e em todo o seu trabalho empírico desenvolvido, permanece vivo a concepção do naturalismo-utilitário, influenciado pela corrente econômica da neofisiocracia.

### **3. Notas sobre o linho e seus usos nos estudos botânicos de Manuel Arruda da Câmara: A dissertação sobre as plantas do Brasil (1810)**

Arruda da Câmara já havia realizado outros escritos<sup>261</sup>, resultado de seu trabalho de campo e de pesquisa, mas analisaremos detidamente “A dissertação sobre as plantas do Brasil” de 1810. Reafirmamos que o diferencial de seus estudos botânicos dos demais naturalistas, reside num processo investigativo de forte envolvimento do ambiente por ele vivido, isto é, a caatinga.

<sup>260</sup> Pablo Marcelo Diener Ojeda explica que a expressão “Reino da flora” ou “paisagem fisionômica” são expressões do período oitocentista que os naturalistas viajantes designavam ao que hoje chamamos de bioma, incluindo a caatinga. Fonte: TV PUC RIO: A viagem do naturalista Von Martius pelo Brasil. Disponível em: <https://www.youtube.com/user/TvPucRio1/search?query=Pablo+Diener>.

<sup>261</sup> “Aviso aos Lavradores” em 1792, “Anúncio dos descobrimentos feitos em Pernambuco” em 1796 e, “Memória sobre a cultura dos algodoeiros” em 1799 e “Discurso sobre a instituição de jardins” de 1810.







### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Para os dois quadros abaixo, demonstraremos as partes mais significativas do exame minucioso da metodologia descritiva utilizada por Arruda da Câmara, pois, as demais informações contidas na fonte documental supramencionada, não puderam ser incluídas para este momento, o que extrapolaria nosso objetivo. Ao debruçarmos nele, percebemos um trabalho descritivo e detalhamento de cada espécie de suas flores, indicando seus usos e de que maneira se dá o processo de extrair o linho de cada planta por ele investigado; em alguns casos, o naturalista até estima o valor do linho.

**Quadro 3- Secção I**  
**DAS PLANTAS QUE DÃO LINHO PROPRIAMENTE DITO**

Espécies	Usos	Geografia das Plantas
Caroá: ( <i>Bromélia Variegata</i> )	Fibra de linho, cordoalhas, pano grosseiro, rede de pescar.	Curimataú e Cariri – Capitania da Paraíba.
Crauatá de Rede: ( <i>Bromélia Sagenária</i> )	Fibra de linho, amarras e cordoalhas e lonas.	Beira mar de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande.
Ananás Manso: <i>Bromélia Ananas</i>	Linho de qualidade superior, licor, produção de frutos.	Sem localização.
Ananás de Agulha: ( <i>Bromélia Muricata</i> )	Linho, produção de frutos e cercas. (Não fez a descrição por não ter feito a experiência do uso de linho de suas folhas).	Sul de Recife e afogados.
Caroatá: ( <i>Bromélia Karatas</i> )	Linho, mas não é forte, para uso vulgares.	Sem localização.
Caroatá Açú ou Piteira: ( <i>Agave Vivipara</i> )	Conservação do fogo na madeira do Scapo, cercas nativas, panos, cordões.	Capitania de Pernambuco.
Coqueiro: ( <i>Cocos Nucifera</i> )	Linho, cordas, refrigerante, adubo, azeite puro, luzes e sabão.	Originário da Índia.
Aninga: ( <i>Arum Liniferum</i> )	A substância do tronco serve para limpar utensílios de ferro, faca, espingardas, cordas fortes.	Alagadiços de Pernambuco.
Tucum: (tipo de palmeira sem gênero)	Linho.	Interior do sertão.
Macaíba ou Macaúba: ( <i>Cocos Ventricosa</i> )	A polpa oleosa dos frutos e amêndoas do interior do caroço para venda nos mercados, a folha contém um linho fino e forte.	Pernambuco e em outras partes do Brasil.

Fonte: José A. Gonsalves de. Mello In: Manuel Arruda da Câmara - obras reunidas, 1982. Organização da autora.

**Quadro 4 - Secção II**





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

#### DAS PLANTAS CUJO LINHO NÃO É FLAMENTOSOS, OU QUE DÃO LINHO DE FIBRAS UNIDAS É FEIÇÃO DE FITAS

Espécies	Usos	Geografia das Plantas
Carrapicho: ( <i>Urena Sinuata</i> )	Linho para fabricação de corda e rede.	Paratibe-PE.
Guaxuma do Mangue ( <i>hibiscus Pernambucensis</i> )	Cordas.	Pernambuco.
Embira Branca, ou Jangadeira ( <i>Apeiba Cimbalaria</i> )	Uso da madeira para pequenas embarcações.	Matas e capoeiras pernambucanas.
Embira vermelha: ( <i>Urona Carminativa</i> )	Cordas.	Matas e capoeiras pernambucanas.

Fonte: José A. Gonsalves de. Mello In: Manuel Arruda da Câmara - obras reunidas, 1982. Organização da autora

O quadro evidencia em linhas gerais de como a investigação botânica de Arruda da Câmara foi sistematizada: Seu estudo sobre as plantas foi dividido em duas secções: No quadro de número 3, indica a primeira secção, cuja referência se dá pelas plantas que dão linho propriamente dito, ou seja, que as fibras se deixam desatar com fios mais flexíveis. Foram realizadas experiências em cada espécie estudada no intuito de conhecer a textura das fibras. Sobre essas experiências botânicas, adverte Mello (1981, p. 175) que “[...] as experimentações eram onerosas descrição só era realizada quando o naturalista fazia a experiência da planta para a fabricação do linho [...]”. Daí, pode-se depreender que os honorários oficialmente pagos pelo governo ao cargo de naturalista não permitiria avanços nas pesquisas, haja vista, o dispêndio com as técnicas que necessitariam ser empregadas nos testes aplicativos das plantas.

No quadro de número 4 indica a segunda secção, em que as plantas aludidas serviriam a um tipo de linho de qualidade distinta, cujas fibras desligam dos fios com menos flexibilidade que os da primeira secção, mas não menos importante. Dessas experiências, o naturalista toma em nota que desejaria estudar as qualidades de papeis que se pode fazer com os de muitas espécies destes linhos, porém não há nenhum tipo de incentivo na construção de fábricas para onde pudesse fazer as experiências com o linho. Neste documento “Dissertação sobre as plantas do Brasil” está subscrito que este estudo botânico, “podem dar linhos próprios para muitos usos da sociedade, e suprir a falta de cânhamo” (CÂMARA, 1810).





### III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

Assim, compreendemos que o interesse do naturalista Arruda da Câmara em estudar os vegetais da flora da caatinga e extrair linhos, cumpre com um dos projetos de desenvolvimento da Coroa portuguesa, pois Rosa (2018, p. 7) sinaliza que a “Coroa realizou, no período compreendido entre 1747 a 1824, mais de uma tentativa de cultivo do cânhamo em diferentes espaços do território, como Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pernambuco”. Todavia, todas as tentativas de cultivo do cânhamo foram fracassadas, haja vista a peculiaridade de cada território e de interesses diversos dos colonos.

#### 4. Para não concluir...

Das notas sobre os o linho e seus usos nos estudos botânicos de Manuel Arruda da câmara, percebemos que o empirismo está presente em todo o trabalho de campo do naturalista Arruda da Câmara, aliado a experimentação das plantas e do que seria possível aos usos utilitários para o desenvolvimento da agricultura na colônia da América portuguesa com espécies nativas da flora da caatinga. Observamos ainda, que o seu trabalho de campo empírico e experimental desenvolvido que o animava, colaborou num esforço de reunir espécies distintas dos trabalhos desenvolvidos pelos naturalistas de gabinete que ele criticava. Evidenciamos também que o naturalista, Arruda da Câmara teria interesse em realizar este estudo botânico sobre os vegetais da caatinga - cujo propósito maior seria extrair linhos – por compatibilizar com os interesses de um dos projetos de desenvolvimento da Coroa portuguesa no incremento do cultivo do cânhamo na colônia compreendido entre 1747 a 1824, caso viesse a fracassar ou não ter esse vegetal, por se tratar de uma planta da família da Cannabis, originária da Ásia Central.

#### REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, José Otávio. **A botânica como missão pedagógica: Manuel Arruda da Câmara e a peculiaridade de suas interpretações sobre as espécies brasileiras (1752-1811)**. Dossiê: História Colonial. Parte I. Clio: Revista de Pesquisa Histórica, Recife, v. 29, nº 1, p.180-205, 2011.





ARQUIVO NACIONAL/TORRE DO TOMBO. **O Terramoto de 1755, a Torre do Tombo e Manuel da Maia.** Fonte: <http://antt.dglab.gov.pt/>. Acesso em 17 de ago de 2019.

AZEVEDO, Aroldo de. **Vilas e cidades do Brasil Colonial.** Geografia: Espaço & Memória. n° 10, São Paulo: Terra Livre/AGB, 1992.

CÂMARA, Manuel Arruda da. **Dissertação sobre as plantas do Brasil [1810].** In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. Manuel Arruda da Câmara – Obras reunidas (1752-1811). Recife, PE: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982.

CAVALCANTI, M. Tavares. **Uma dúvida biográfica:** O célebre Naturalista Arruda Câmara era Paraibano. Revista/IHGP, v. 13°, 1958, p. 48-52.

DOMINGUES, Ângela. **Para um melhor conhecimento dos domínios coloniais:** A constituição de Redes de Informação no Império Português em finais dos setecentos. História, Ciências, Saúde — Manguinhos, vol. VIII (suplemento), 823-38, 2001.

HOBSBAWM, Eric J. **A Era das Revoluções.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MEDEIROS, J. R. Coroliano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba.** 4ª ed. fac-similar da edição de 1950. João Pessoa: Editora IFPB, 2016.

OJEDA, Pablo M. D. **A viagem do naturalista Von Martius pelo Brasil.** Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/TvPucRio1/>. Acesso em 15 de set de 2019.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. **As Ruínas da Tradição:** A Casa da Torre de Garcia d'Ávila, Família e Propriedade no Nordeste Colonial. 2ª ed. João Pessoa: Editora UFPB, 2017.

PRESTES, Maria Elice Brzezinski. **A Investigação da Natureza no Brasil Colônia.** São Paulo: Annablume: Papesp, 2000.

QUEIROZ, Octacilio N. de. **Da Paraíba o Naturalista Arruda Câmara.** Revista do Instituto Histórico Geográfico da Paraíba (IHGP), v. 13°, 1958, p. 39-47.

ROSA, Lilian. **Cultivo do Cânhamo no Brasil.** IX Encontro de Pós Graduação em História Econômica. Ribeirão Preto: USP/ABPHE, 2018.





III SEMINÁRIO NACIONAL FONTES DOCUMENTAIS E PESQUISA HISTÓRICA

**FONTE DOCUMENTAL:**

CÂMARA, Manuel Arruda da. **Dissertação sobre as plantas do Brasil [1810]**. In: MELLO, José Antônio Gonsalves de. In: Manuel Arruda da Câmara – Obras reunidas (1752-1811). Recife, PE: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1982.

